



TORRE DE BELEM.

A NOMEADA torre ou castello de S. Vicente de Belem, construida na margem direita do Tejo pouco abaixo de Lisboa, foi projectada por elrei D. João 2.<sup>o</sup>, para cruzar os fogos com a Torre Velha, construida pelo Sr. D. João 1.<sup>o</sup>, e do seu plano incumbiu Garcia de Resende, como o declara este mesmo escriptor que o fez. Comtudo coube ao rei affortunado o levar a effeito a execução, na mesma epocha e gosto em que edificou o admiravel convento dos Jeronymos, e na sua morte a deixou acabada, tendo feito doação da capitania della a Gaspar de Payva, em 25 de Setembro de 1521.

Ainda que foi construida no meio das ondas, achase agora situada no pontal de uma lingua de areia, que as aguas alli teem depositado, naturalmente pelo mesmo encontro que lhes devia appresentar um tal obstaculo ilhado. Este edificio, digno de ver-se pela architectura, acha-se hoje, bem como o convento seu visinho e contemporaneo, entulhado com casas e remendos bem caiados, que attestam a pouca veneração que ainda entre nós obtem os monumentos. «É o primeiro edital que está logo á entrada de Lisboa, para dizer ao estrangeiro que chega: — aqui moram barbaros — exclama cheio de justa indignação o Sr. Garret. «O bello monumento da Torre de Belem está com effeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfettações* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias d'antiguidade em Portugal.» É por este motivo que de proposito preferimos a estampa que offerecemos, na qual se vê a torre como era antes dos vergonhosos embelezamentos e commodos com que está deformada na apparencia. — Sabemos que é este mais um brado vão contra o mal que grassa, mas não podemos nós deixar de o soltar. É vergonha, realmente, que o talvez unico modello deste gosto de architectura militar em Portugal, não seja poupado e conservado. Os relevos e bestiães, as guaritas de pedra com differentes labores nos angulos, as ameias situadas entre estas, o eirado superior, onde hoje está um telegrapho, o alto azarve ameia-

Tom. IV. Março 7. — 1840.

do, sustentado sobre caxorros de pedra, e com aberturas (*machicoulis*) para se poder deitar de cima pedras e virotes, descobrindo o pé da muralha, as cruces floreteadas da ordem de Christo entalhadas nas mesmas ameias, e a final as proprias pedras de construção, tudo inspira sensação profunda á alma do poeta antiquario que de perto contempla este monumento, escutando a onda que lhe sussurra aos pés, e o vento que sibila nos ares.

Considerada militarmente esta fortaleza no adiantamento em que hoje em dia está a artilheria e a sciencia dos ataques das praças, offerece uma defensa, por assim dizer, nulla. Ainda que as suas muralhas tenham perto de duas braças de espessura, são de cantaria, e poucas ballas bastariam para as derrocar. Apenas a grande bateria casamatada, situada inferiormente, poderia, por meio das suas quinze canhoneiras, hoje desguarnecidas, causar mais algum damno aos navios, fazendo uso da balla vermelha; mas ainda assim era necessario que se cuidasse convenientemente da sua ventilação. A bateria de cima [na qual estão hoje construidas algumas casas] com suas sete canhoneiras pouco mal poderia causar a uma esquadra que com bom vento quizesse forçar a barra. Para este fim porem é de grande importancia a bateria adicional do *Bom Successo*. A guarnição da torre consta hoje de varios artilheiros e veteranos, que apenas servem de guardar algum prezo, e de dar as salvas em occasiões do estylo. Ainda ha poucos annos se recebiam propinas pelos navios que saham: pagava aqui cada um, qualquer que fosse o seu lote, 3800 réis, dos quaes 1600 ficavam liquidos para o governador: o mais se distribuia por tal fórma, que a cada soldado tocava sete réis. Tal era o principal motivo por que este governo, reputado um dos mais honrosos do reino, se dava só por muita distincção e favor. Esta providencia pouco justa foi abolida ultimamente.

Uma das curiosidades mais dignas de ver nesta torre é sem duvida a *Sala Regia*, que tinha uma varanda para o mar, por cima da qual ficavam as armas de Portugal e as divisas do Sr. D. Manuel, que

ainda hoje alli se vêem. Nesta sala quadrada é notavel a particularidade de ter o tecto elliptico, de modo que dois observadores, collocados nos focos que ficam nos angulos oppostos da casa, correspondem-se, quando outra pessoa no meio da casa, e por conseguinte mais perto, nada pôde ouvir.

Terminaremos com uma lembrança nossa, que muãto desejaríamos ver realisada. Se pelos entendedores e mestres da arte fosse decidido o pouco ou nenhum prestimo militar desta fortaleza, conviria que ella não estivesse guarnecida nem artilhada, para que o inimigo, não a considerando como bateria, e só como edificio civil, poupasse o arruina-la: — e neste caso seria de grande vantagem estabelecer aqui, á maneira do que se vê na Torre de Londres, um deposito d'objectos pertencentes á historia militar do paiz, contendo a peça de Diu, armaduras antigas, armas mais modernas, e objectos semelhantes, dignos de conservação.

#### ACCLAMAÇÃO DO MESTRE D'AVIZ EM EVORA.

NA era de Cezar de 1422 annos, que vale o mesmo que dizer no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1384, ainda mal bruxuleava a luz do dia, que havia de contar-se 11 de Janeiro, e já o reboliço insolito do povo affugentára o somno a Diogo Lopes Lobo, um dos principaes da cidade de Evora. — Grande novidade é por certo [pensava elle lá consigo] a que move tanta gente a sahir de sua casa a taes deshoras. Se fôra domingo não havia que estranhar, que horas são da primeira missa na sé. Mas hoje... á sexta-feira!... — Curioso comtudo de saber a causa deste estranho successo, abria Diogo Lopes uma fiska do postigo do seu sottão, a tempo que chegavam a bater-lhe á porta Fernão Gonçalves d'Arca, e seu filho João Fernandes, [que ao depois foi um dos do conselho do grande Nun'Alvares, e procurador por Evora ás côrtes de Coimbra] ambos tambem pessoas da primeira fidalguia da cidade, e muito da amizade de Diogo Lopes.

Como assim estaes descansado [disse apenas entrando Fernão Gonçalves a Diogo Lopes]; como assim estaes descansado, pouco cuidadoso dos males da patria? — Pois que reboliço é este, e onde ides vós, que assim me pareceis afanosos? — Onde? acclamar o Mestre d'Aviz, regedor e defensor dos reinos de Portugal, e cobrar o castello, que traidores teem pela voz de Castella. — Para tal feito como esse [respondia Diogo Lopes, largando o gibão, e cingindo a espada] não será mister brandir as armas; que bem sabeis vós, amigo Fernão Gonçalves, que Alvaro Mendes d'Oliveira, alcaide-mór da cidade, não tem consigo outra gente, com que defender possa o castello, salvo alguns seus criados, que serão sete ou oito por todos. — Isso era hontem; mas hoje já vai o caso muito pelo avesso. Sabei que Alvaro Mendes mandou chamar a Martim Affonso Carvalho, juiz, a Gonçallo Lourenço, alcaide pequeno, a Vasco Martins Poisado, escrivão da camara, e a outros honrados [ou deshonrados; que lá vai honra quando se trata em desserviço da patria] e grandes da cidade, e indo todos a seu chamado, lhes propoz tantas e taes razões por parte da rainha e de Castella, que todos outorgaram de o seguir, e se lançaram com elle dentro do castello, para lh'o ajudarem a defender. — Embora, que nós, bem que lhe peze, lhes mostraremos que ainda ha em Evora fidalgos que não estão ás attenças das mercês d'elrei de Castella, e que teem coração portuguez. Seja o Mestre d'Aviz regedor e defensor do reino, e rei aquelle,

cujo for de direito, mas portuguez. A nós não cumpre pôr nem tirar reis. Lá virão as côrtes, que desembargarão a quem pertence o reino, se ao Mestre, se aos filhos de D. Ignez. Eu por mim só digo que o Mestre não é somenos que os infantes desterrados; e que tão filhos são uns e outro d'elrei D. Pedro, como esse pouco venturoso D. Fernando, que em taes enredos nos deixou mettidos. — Isto praticavam já em caminho do castello.

Era o castello d'Evora fundação de Sertorio, reformado de fresco por elrei D. Fernando. Defendiam-no não muitos em numero, mas esforçados, e dispostos a segura-lo a todo o transe pela voz da rainha D. Leonor, e d'elrei de Castella. — O povo, a quem logo foi notoria a resolução do alcaide-mór e dos que o seguiam, estava já apinhado em volta do castello, armado cada qual na melhor fórma que podia. — Mas, sem capitão que os regesse, a pouco mais chegava a sua diligencia do que a bradar aos de dentro para que se entregassem, chamando-lhes traidores e scismaticos, que eram da parte dos castelhanos para darem o reino a cujo não era. — Scismaticos chamavam então aos que seguiam o partido d'elrei de Castella; porque como este principe reconhecia obediencia ao antipapa de Avinhão, por nome Clemente 7.<sup>o</sup>, era o scisma uma das mais poderosas armas com que os servidores do Mestre d'Aviz instigavam os animos dos povos para guerrear os parciaes de Castella: que em todos os tempos a politica soube servir-se em seu proveito das consciencias dos povos. Os do castello chamavam aos de fóra arraya miuda, povo do Messias de Lisboa, que cuidavam os haviam de livrar da sujeição de Castella.

Nisto chegavam Diogo Lopes Lobo e seus companheiros. Soaram as acclamações do povo pela vinda de taes cavalleiros, cuja opinião contra Castella era assaz conhecida. E elles, vendo que nesta conjunção seriam de boamente obedecidos, não perderam a oportunidade. — Eia, amigos, [disse para os do povo Fernão Gonçalves d'Arca] não é com vaãs palavras e doestos que o castello d'Evora virá ao poder do Mestre d'Aviz. Vós, Diogo Lopes, subi em cima da sé com esta mó de bésteiros, que eu com estoutros irei para o alto do açougue. São logares altos, donde melhor podem empecer as béstas aos traidores. E tu, meu filho, ficarás aqui com os restantes, e com os mais que por ventura vierem. Escusado julgo recommendar-te que não percas ensejo de forçar a porta, e entrar o castello. — De prompto são obedecidos: e dentro em poucos momentos era para ver assim as varandas da sé gothica do bispo D. Paio, como as ameias mouriscas sobrepostas aos capiteis corinthios do templo de Diana, guarnecidas de intrepidos guerreiros, que tinham por alvo de seus tiros os defensores da torre de Sertorio, e daquelles mesmos muros, que o vencedor de Ourique entregou á guarda dos primeiros cavalleiros da nobre milicia, cujo Mestre era agora tão fallado. Continuava o combate com pouco fructo, porque como o castello era mui forte de torre e muro, e cercado de profundo fosso, era por isso muito máu de tomar sem grande trabalho. — Quereis vós apostar [disse então João Fernandes d'Arca] em como aquelles scismaticos e traidores se sahem fóra, e sem mais um tiro desamparam o castello? um condão tenho eu, cuja virtude não sei que falhasse ainda. Em Extremoz vi ha poucos dias seus maravilhosos effeitos em caso semelhante. Disse, e sabiu com alguns de sua feição, com quem já tinha practicado o caso. E antes de uma hora tornaram, trazendo adiante de si, amarrados em cima de carros, as mulheres e filhos dos que eram dentro, e os puzeram ao alcance

das béstas e viotes do castello. E pondo fogo ás portas com grande arruido, bradavam aos de cima que se rendessem, senão que as mulheres e filhos lhes queimariam todos em vista e presença delles.—Muita força deve ter no coração do homem o amor de mulher e filhos! Aquelles que ha pouco arrostavam com impavidez a propria morte, agora não podem ser superiores á consideração do perigo dos filhos e das consortes: e só para salva-los depoem promptamente as armas, esquecidos já de preitos e menagens, e não curando de honras e recompensas.

Chama o alcaide logo os seus a conselho, e acordaram dar o castello, preiteando com os de fóra que os deixassem sahir do castello e da cidade em salvo e sem impedimento. Assim lh'o seguraram; e elles sahiram pela porta da traição, tendo cerradas todas as portas da cidade pelo receio de que o povo miúdo os não fosse roubar ao caminho. E valeu-lhes esta precaução, que sempre o povo folgou de guardar para trophéus da victoria as bagagens dos vencidos. Mas ainda lhe ficou no castello com que saciar sua cobiça. E assim que foi tomado, foi logo roubado de quanto ahí acharam, derribado por muitas partes, e incendiado de fórma que arderam as casas e quanto nelle havia, ficando devasso como pardieiro sem parte alguma defensavel. O alcaide-mór foi-se para Fernão Gonçalves de Sousa, que estava em Portel, e tinha voz por Castella. Dos outros uns se retiraram para Olivença, outros para Campo-maior e para outras partes, cujos alcaides tambem eram por Castella.

Já por todos os angulos da cidade resoava o brado de = Portugal, Portugal pelo Mestre d'Aviz. = Este brado, que parece devêra ser o iris da paz, que juntasse n'um só pensamento, e n'uma só vontade a todos os eborenses, foi, pelo contrario, o toque de rebate para começar novas hostilidades, não já contra inimigos armados, mas contra os pacíficos e descuidados, que nunca haviam feito erro. — Nas guerras civis [e por nossos peccados o temos visto] a difficuldade está em derramar a primeira gotta de sangue; que depois não ha excesso a que se não arroje um povo ebrio pela victoria, ou sauhudo contra todos aquelles que lhe apraz alcunhar de inimigos e traidores. — «Quanta desacordança [diz o patriarcha de nossos chronistas ao referir estes successos] pensais que era depois de pais com filhos, e irmãos com irmãos, e de mulheres com os maridos. A nenhum era ouvida rasão nem escusa, que por sua parte dar quizesse; mas como um fallava dizendo = que foão é delles = não havia cousa que lhe dêsse a vida, nem justiça que o livrasse de suas mãos: e isso era especialmente contra os melhores e mais honrados que havia nos logares, dos quaes muitos foram postos em grande cajão de morte, roubados de quanto haviam, e delles com medo fugiam pera as villas que tinham voz por elrei de Castella; outros se hiam pera fóra do reino, leixados seus bens e tudo quanto haviam.»

Nas revoluções não se podem pelo dia de hoje calcular os successos do dia de amanhã. E quem será capaz de metter em conta a volubilidade das paixões da plebe, sempre credula, sempre cruel, e sempre escrava, ainda mesmo quando mais galla faz da sua liberdade! se alguma vez escapa da tyrannia do senado, é para cahir na tyrannia mais insupportavel dos tribunos. — Assim o povo d'Évora, para não obedecer ao mando dos fidalgos, não teve duvida de seguir os dictames de dois novos campeões, perversos e obscuros, cujo nome se encarregou todavia de transmittir-nos a historia. Gonçallo Eannes, cabreiro, e Vicente Annes, alfaiate, começaram a

exercer o seu imperio, banindo [e por favor] da cidade a Diogo Lopes Lobo, a Fernão Gonçalves de Arca, e aos outros que á primeira tomaram por capitães, e por cuja prudencia e discrição haviam sido conduzidos á victoria. — Se amam o serviço do Mestre [diziam elles], e são da sua parte, vão a Lisboa para o servir e ajudar a defender o reino. — Tal era a sentença, de que não cumpria appellar.

Lá vão pois caminho de Lisboa estes novos Coriolanos: mas, ao despedir-se dos muros de Sertorio, não protestam contra a patria ingrata, como Scipião ao perder de vista os de Roma, sepultar seus ossos em terra estranha. Não, que estes se desamparam a patria, é só quando a sua presença se torna impotente para cohibir o crime. Ide pois, nobres cavalleiros, que em breve tornareis em companhia do destemido Nun'Alvares, quando o povo, passado o parocismo do furor, souber empregar de novo as armas em serviço do Mestre, e em prol da patria commetter taes feitos, que façam esquecer seus desvarios, e mereçam ao magnanimo principe a concessão de novos privilegios á sua cidade = por o muito serviço que nos fez, e como os seus corações sejam postos por nos servir.

J. H. da C. R.

#### NOBREZA ADQUIRIDA PELO VALOR E VIRTUDE.

DE baixos e humildes pais subiram muitos, por seus merecimentos, a grandes honras e dignidades. Um dos mais notaveis exemplos é o nosso lusitano e insigne capitão Viriato, terror e espanto dos romanos, o qual de pastor ou caçador, por defender sua patria, veio a ser um dos mais temidos capitães que contra si teve o imperio romano; porque em espaço de quatorze annos que lhes sustentou guerra fez nelles tanto estrago que duvidavam com grandes exercitos, de puro medo que tinham de Viriato, dar batalha a mui poucos portuguezes.

Quinto Sertorio, nascido de baixos pais em Narsio, povo junto a Roma, por ser de muitas virtudes e partes, veio a ser outro sim capitão geral dos portuguezes, e com sua boa industria veio a governar a toda a Hespanha com grande prudencia, e com seu valor alcançou muitas victorias de seus contrarios, com que afamou tanto seu nome, que é conhecido por um dos mais illustres capitães que teve o mundo.

Servio Tullio não foi bastante ser sua mãe escrava para deixar de ser rei em Roma, e por seu bom governo merecer que lhe puzessem muitas estatuas nos logares publicos e mais honrosos, pelas muitas victorias que alcançou.

Tullio Hostilio de pastor de gado, que apascentava no campo, veio a ser pessoa mui assignalada na milicia romana, e honra de seu imperio, com tanta satisfação de todo o povo, que o escolheram para rei, mostrando em tudo tanta magestade como se fóra nascido de pais illustres.

Vamba, nascido na nossa Lusitania, foi o mais excellente principe que teve Hespanha. Delle basta dizer, que sendo um pobre lavrador foi eleito por Deus para ser rei, trocando-lhe o saial grosseiro em purpura, e a aguilhada em sceptro.

Tarquínio Prisco, sendo filho d'um mercador desterrado de Corintho, lhe fizeram os romanos muitas honras; os quaes vendo que cada vez mais crescia nas virtudes o acceitaram por rei, com ser de outra nação, dizendo que antes queriam um estranho que bem os governasse, que não um rei natural que os perdesse.

Quinto Cincinnato, famosissimo capitão romano, do campo de Campania, onde era lavrador, sahiu para vir a ser dictador em Roma, e sempre se mostrou tão singular varão, e tão fóra de se ensoberbercer, que afirma delle Tito Livio que quando estava com seus capitães fallava muitas vezes nos seus bois e campos que largára.

Agathocles por seu valoroso animo e grande prudencia veio a ser rei da Sicilia, com ser filho de um oleiro, do que elle tanto se lembrava vendo-se em seu throno, que mandava que nos convites e banquetes, entre os vasos de ouro e prata o servissem com outros de barro.

Ptolomeu com ser filho d'um soldado raso de Alexandria veio a ser tão excellente rei do Egipto que todos os seus successores se chamaram Ptolomeus.

Caio Mario, com ser filho de Mario e Fulcina, pobres officiaes mechanicos, não deixou de ser o primeiro dos romanos que teve sete vezes o consulado, todas com grande applauso. Foi de tão singular esforço e generosidade de animo, que sendo perguntado Scipião qual de seu exercito lhe havia de succeder no mundo, respondeu: este póde ser que me succeda — dizendo-o por Mario, que naquelle tempo era mui moço; porem conhecia nelle, pelos bons principios que mostrava, que mandaria a todos, e que não seria mandado de outro.

Primislau, rei de Bohemia, em sua mocidade sabia sómente guardar gado, e ser vaqueiro como seu pai; mas sendo escolhido para rei sahiu tão excelente e sabio em seu governo, que deu novas ordenações para bem da republica, e fez outras cousas maravilhosas.

Arsaces, rei dos parthos, foi de tão humilde nascimento que nunca se lhe soube cujo filho era; porem seu grandioso animo lhe causou tão altos pensamentos, e desejos de ser rei, que constituiu o reino dos parthos, e foi o primeiro rei que elles tiveram; e sempre os defendeu dos romanos, fazendo-se em tudo tão famoso que seus descendentes, por se honrarem tanto delle, e perpetuarem seu nome, se chamaram sempre Arsacides.

São tantos os exemplos que se me houvera de deter nelles, contando-os por extenso, fizera um tratado mui largo desta materia; e deixo de contar outros mui graves por não causar fastio aos que os lerem. Por onde vemos que assim como muitas vezes acontece de pais mui sabios, nobres e bons, nascerem filhos maus, viciosos e vis, tambem de pais humildes e desprezados sahiram filhos mui singulares, e excellentes varões, que mediante sua virtude, valor e esforço, não sómente alcançaram nobreza, e mereceram ser principio e honra de sua descendencia; mas ainda subiram á alteza dos estados e senhorios do mundo. — *A. Ferreira da Vera. — Orig. da Nobrez. Polit.*

#### MARINHA PORTUGUEZA DESDE O REINADO DE D. JOÃO 1.º ATE' O DE D. AFFONSO 5.º

Com o illustre D. João 1.º renasceu a gloria de Portugal, e com ella a sua marinha. Sendo este conspicuo principe regedor e defensor do reino, foi cerca da Lisboa por elrei de Castella, o qual assentou seu arraial no Lumiar com poderoso exercito em seis de Maio de 1384, esperando uma forte armada, que accommettesse pelo Tejo. Deu D. João pressa a fazer aprestar alguns navios desmantelados, faltos de reparos e aparelhos, que por acaso existiam no rio; e com tal diligencia se houve o incansavel arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente, encarregado da

superintendencia desta armada, que a 14 sahiu barra fóra uma esquadra de 13 galés, uma galeota, e sete náus, commandada por Gonçalo Rodrigues de Souta, alcaide-mór de Monsaraz, com 800 soldados, e mais de tres mil remeiros e marinheiros; a qual, posto que arribasse no dia seguinte, tornou a sahir no immediato com direcção ao Porto, para se unir com os vasos que alli se podessem preparar. Engrossada alli com mais 4 galés e 10 náus, voltou do Porto já commandada pelo conde D. Gonçalo Coutinho, e veio entrar no Tejo a 18 de Julho pelas 9 horas da manhã. As batalhas que esta armada pelejou dentro do Tejo, contribuíram sobremaneira para fazer levantar o cerco e salvar Lisboa.

Ajustada a tregua com Castella em 1411, cuidou elrei D. João 1.º em dar incremento a uma respeitavel marinha, qual necessitava para o desenvolvimento dos vastos planos que havia concebido e meditado. Em 25 de Julho de 1415 sahiu elle em pessoa do Tejo com uma armada de 59 galés, 33 náus, e 120 navios menores, em que, segundo concordam os historiadores, iam cincoenta mil homens de guerra e de maruja. Com esta formidavel armada entrou elrei o estreito de Gibraltar, e soffrendo alguns contratempores deu fundo defronte de Ceuta ao anoitecer do dia 20 d'Agosto, e pondo pé em terra ao amanhecer do immediato, accommetteu rijamente a forte cidade, que depois de renhidos e cruentos combates foi unida á corôa portugueza.

Tão bem providos e abastecidos estavam os armazens e arsenal da marinha de munições navaes e de guerra, que tendo elrei noticia de estar a sua nova conquista cercada por um numeroso exercito de mouros, e bloqueada por mar por uma frota de Granada, composta de 64 velas, em poucos dias fez apromptar uma forte esquadra com que o infante D. Henrique e seus irmãos partiram em Agosto de 1418 em soccorro da praça, á qual chegaram a tempo que os mouros escarmentados haviam levantado o cerco com perda consideravel de gente.

No anno de 1429 se apromptou uma esquadra de 39 embarcações, que conduziu a Flandres a infanta D. Isabel, que havia casado com o duque de Borgonha; e chegou a Ecluse a 25 de Dezembro do mesmo anno.

Em o reinado deste grande monarcha deu seu filho, o inclito infante D. Henrique, principio ás descobertas de novas terras, que haviam de vir a acrescentar os dominios dos portuguezes em paizes longiquos. Não é bem averiguado o anno em que sahiram de Portugal os primeiros descobridores a correr a costa occidental da Barbaria; mas sabe-se que em 1412 mandou elle uma embarcação a esta aventureira commissão, a que depois se seguiram outras em que o infante empregava duas ou tres embarcações por anno, e ás vezes mais; porfiando assim com grandes despezas, até que em 1433 Gil Annes, natural e morador de Lagos, dobrou o Cabo Bojador, a que se seguiram os demais descobrimentos que nos devassaram os mares da Asia e da America. As embarcações empregadas nestas viagens eram grandes barcos latinos de cuberta, que demandavam pouco fundo, e pequenas tripulações.

No curto reinado d'elrei D. Duarte se armou em 1437 a frota com que os infantes seus irmãos partiram para a Africa com o intento de conquistar Tanger, empreza em que foram mal succedidos. Ignoramos a força desta frota, que não podia ser composta de pequeno numero d'embarcações; visto que devia levar quatro mil cavallos, nove mil e quinhentos infantes, e quinhentos gastadores.

Em 12 de Novembro de 1451, reinando D. Af-

fonso 5.<sup>o</sup>, desferrou do porto de Lisboa uma esquadra de duas grandes náus, cinco mais pequenas, e duas caravelas, em que hia por capitão general de mar e terra o marquez de Valença, encarregado de acompanhar á Italia a infanta D. Leonor, irmã d'elrei, que estava casada com o imperador d'Alemanha, Frederico 3.<sup>o</sup> Nesta viagem desbaratou o marquez, perto de Niza, no Mediterraneo, uns piratas que accometteram uma caravela, mandada por elle a reconhecer o porto, e lhes tomou um formoso navio que elles haviam aprezado, com o qual entrou a 2 de Fevereiro seguinte em Leorne, onde desembarcou a imperatriz.

Intentou D. Affonso 5.<sup>o</sup> levar por diante os projectos de seus antecessores ácerca das conquistas em Africa; fez preparativos para esse fim, não obstante andar o reino atribulado com a peste, que fazia crueis estragos. Reuniu portanto em Setubal uma armada de 90 embarcações; e a 30 de Setembro de 1468 embarcou em a náu St.<sup>o</sup> Antonio, e mandou largar panno na volta de Sagres, onde se lhe juntou o infante D. Henrique, com o qual foi ancorar na bahia de Lagos, aguardando alli as esquadras do Mondego e Douro, que breve chegaram. A 12 de Outubro partiu de Lagos com toda a armada em

força de 250 navios, em que hiam 25:000 homens de tropa de desembarque; a 14 surgiu na bahia de Tanger, na qual se demorou dois dias para reunir algum que se havia desgarrado; e a 16 desembarcou nas praias d'Alcacer Seguer, que occupou depois de renhida e porfiada peleja com os mouros.

Ainda por terceira vez mandou este monarcha aprestar outra armada de 333 velas entre náus, galés, fustas, e outras embarcações de carga, em que levava vinte e cinco mil homens d'armas, com os quaes desembarcou em Africa a 23 de Agosto de 1471. Foi accommettida a forte cidade d'Arzila, que foi tomada d'assalto depois de quatro dias de crua peleja em que morreu grande numero de mouros, ficando captivos mais de cinco mil, entre os quaes se contavam duas mulheres e dois filhos de Muley Xeque, senhor da praça. O despojo foi avaliado em oitenta mil dobras.

Não descontinuaram com estes formidaveis armamentos as empresas das descobertas da Africa, em que eram empregadas muitas embarcações, assim d'elrei, como dos particulares, sendo o ultimo ponto a que chegaram, quando faleceu elrei em Cintra a 23 d'Agosto de 1481, o Cabo de St.<sup>a</sup> Catharina, situado na lat. de 2<sup>o</sup> 7' S. e long. de 28<sup>o</sup> 23'.



OS GEMEOS SIAMEZES.

Não ha exemplo tão notavel da aberração das leis geraes da natureza, respectivamente á geração dos individuos humanos, como os dois gêmeos de Siam, representados nesta gravura. Cada um, considerados separadamente, é completo e distincto: todavia estão conjunctos, desde o ventre materno, por uma ligação indissolúvel que os une pela extremidade do peito: assim nasceram e cresceram, vivendo por esta circumstancia em sociedade forçada, mas que todavia o habito ou afeição lhes fez reciprocamente aprazível e chara. Viram a luz do dia em 1811 n'uma aldeia da costa marítima de Siam na Asia: o da direita chama-se Eng e o da esquerda Chang: seus pais eram chins, como a physionomia d'ambos claramente patentea. Antes destes gêmeos teve sua mãe filhos sem lesão ou defeito; e nem com o parto dos dois soffreu mais do que nos anteriores. Viviam pobremente, e um capitão americano os transportou, com desejos de mostrar esta maravilha, para os Estados-unidos em 1829, donde vieram a Inglaterra e a França. Os facultativos ventilaram a questão da separação dos dois por meio d'uma operação cirurgica, porem muitos pensaram que esta no effeito seria mortal, porque abriria o ventre e penetraria no peritoneo; alem de que repugnava aos dois irmãos qualquer tentativa para os desunir.

«Estes individuos, tão singularmente presos um ao outro [diz um observador] andam, assentam-se, levantam-se, correm, nadam, caçam, com a mesma agilidade, e a mesma espontaneidade de movimentos, como se fôra um só homem, governado por uma vontade unica. Adormecem e acordam ao mesmo tempo, e basta tocar n'um para acordar ambos. Nunca se fallam; entendem-se sem que se note signal ou advertencia mutua, e tanto que se esqueceram da lingua patria apezar de sahirem do seu paiz já com 18 annos de idade: aprendem as linguas com grande facilidade; e são muito parecidos nas feições.» — As suas faculdades intellectuaes são perfectas; e ainda que Chang é, neste ponto, superior a Eng; contudo este submete-se sem custo e até sem reflexão á superioridade de seu irmão. Notou-se que as molestias os atacavam simultaneamente, e que restabelecido um sarava o outro. O vinculo, ou ligamento carnoso que os une parece que procede d'uma dilatação do cordão umbilical.

#### COLONIA DA SERRA-LEÓA.

CONHECENDO o quanto é hoje interessante a leitura de noticias sobre as costas africanas, não hesitamos em transcrever alguns extractos de uma obra portugueza, posto que moderna, bastante rara, que ha pouco nos veio á mão. É esta a *Descrição da Serra-leôa e seus contornos*, publicada em Lisboa em 1822 pelo conselheiro Joaquim Cesar de Figanière e Morão, nosso ministro na corte do Rio de Janeiro, que a escreveu durante a residencia que fez naquella possessão britannica, exercendo o lugar de commissario arbitro da commissão mixta portugueza e ingleza, que na conformidade da convenção de 28 de Julho de 1817, addiccional ao tratado de 22 de Janeiro de 1815, allí se estabeleceu em 26 de Maio de 1820, para julgar as presas de navios empregados no trafico da escravatura. Alem da rasão geral acima ponderada, duas mais nos moveram a resumir algumas paginas deste livro; o ser trabalho d'um compatricio nosso, e o não se encontrar um exemplar á venda; porque os poucos que restavam foram levados para fóra do reino, para esses paizes, onde com muita avidéz se procuram as noticias geographicas.

O rio *Mitomba*, ou de Serra-leôa, foi descoberto pelo capitão portuguez, Pedro de Cintra; o caudillo das tribus, que estanceavam pelo territorio da actual colonia ingleza ou península de Serra-leôa, convertido á nossa religião ficou dependente do nosso governo das ilhas de Cabo-Verde: os nossos antepassados plantaram naquella chã a laranjeira, o limoeiro, o anil, e outros vegetaes, de que encontraram vestigios os modernos colonos. Parece ser força do destino, que, na Africa, na Asia, e em muita parte da America, fossemos nós os que preparassemos o caminho para os ultimos e estranhos possuidores! No seculo passado alguns inglezes deram principio ao estabelecimento de *Free-Town* (*villa ou cidade livre*), cabeça da colonia actual de Serra-leôa, na península do mesmo nome, formada por um braço do *Mitomba*, e pelo rio *Kates*, que desemboca na bahia de *Sherbró*, quasi dividindo do continente as serras. Para darmos clara idéa do clima destas paragens, summamente prejudicial aos europeus, e até aos negros que não são indigenas, copiaremos o que o Sr. Figanière diz a este respeito na sua carta 9.<sup>a</sup> — «Neste paiz podemos dividir o anno em duas estações, a secca e a chuvosa, e verdadeiramente assim o dividem os naturaes do paiz, chamando á das chuvas *loco alis*, isto é, máu tempo, e á da secca *loco fenu*, bom tempo; as chuvas principiam no fim de Maio e terminam em Setembro; e é de notar que esta estação começa e acaba com o que chamam aqui *tornadas* [nome certamente originado da nossa palavra *trovoadas*]; que são grandes furacões acompanhados de relampagos, trovões e agua, e vem sempre do lado da terra entre os pontos de NE. até SE. Se o piloto de qualquer embarcação se achar descuidado lhe será forçosamente fatal uma *tornado*: na minha viagem para esta, em a noite anterior ao dia em que avistámos as serras, nos sobreveio uma assaz forte. Principiámos a avistar a leste uma pequena nuvem negra, depois alguns relampagos acompanhados com distante trovada: pouco a pouco engrossaram as nuvens carregadas, o estampido dos trovões ouviu-se de perto; mal tinhamos colhido as velas, e dado a pôpa ao vento, o ceu ficou tapado com um veu escuro, e um pé de vento embraveceu o mar, que, poucos momentos havia, estava como um espelho; rematando tudo em grosso e copioso aguaceiro. Ha outras *tornadas*, a que chamam *brancas* que são mais perigosas, por ser o vento muito mais forte, e durarem mais tempo, e nestas não chove. Depois d'uma *tornado* aclara-se a atmosphaera, a vegetação fica mais aprazível, e respira-se o ar mais puro... os mezes em que menos padecem os europeus são os de Abril, Maio, Outubro e Novembro, em que succedem estes phenomenos. Os ventos geraes no tempo chuvoso sopram do S. e de O.: as chuvas algumas vezes duram dez ou doze dias sem descontinuar, contudo meia hora depois se pôde sahir á rua sem molhar os pés, porque, como o terreno vai declinando para o mar, em breve tempo se escoam aquelles diluvios. Na estação da secca cahe orvalho mui frio e copioso; e aconselharei ás pessoas que desejarem conservar a saude que evitem então as saídas á noite. O calor, ainda que excessivo, não é o que mais me atormenta, tendo-o experimentado mui forte na ilha de Cuba e na Luiziana, e até em Lisboa, pois bem te recordarás da grande calma de Junho de 1819, que ahí soffremos por tres dias, marcando o thermometro de Farhenheit 96<sup>o</sup> á sombra, o que não tem acontecido desde a minha chegada: ha porem um calor mui intenso, que, termo médio, regula por 85<sup>o</sup> do mesmo thermometro posto á sombra; mas isto

nesta villa de Free-Town, que está em situação elevada, e á beira-mar; lá mais para o sertão tem subido ás vezes a 101 e 103 igualmente á sombra. Geralmente moderam os calores as brisas de O. e do NO. a que chamam ventos do mar, e á tardinha viram para L. e SE., que são ventos da terra: é igualmente o calor temperado, nesta estação, por uma especie de nevoa, que ha communmente, diminuindo assim algum tanto o ardor do sol. Tenho visto acabando um aguaceiro descobrir-se o sol com todo o vigor, fazendo subir uma densa nevoa, que vai gradualmente até as faldas das montanhas, onde se desfaz, occasionando extrema humidade, que não pouco contribue para muitas molestias. Póde-se afirmar que não ha crepusculo nesta colonia: o dia mais comprido é de 12<sup>h</sup>, 29', 50'', e o mais curto de 11<sup>h</sup>, 30'. O ar é tão humido que por vezes vou achar o assucar e o sal reduzidos quasi a liquido.» Depois o A. prosegue circumstanciando os terribes effeitos das febres, causadoras de grandissima mortalidade naquella região, a pontos que o obrigam a dizer logo na carta 10.<sup>a</sup>: «a terra é a mais doentia e desagradavel de quantas tenho pisado, e é justamente chamada o *sepulchro dos europeus*.» Nessa mesma carta se lê a seguinte descripção de outro phenomeno privativo da Serra-leôa. «Succede geralmente no mez de Janeiro soprar, da banda de leste e nordeste, um vento, particular a este paiz, a que chamam *harmattan*: quando tal acontece o ar está mui denso; dura ás vezes dois, tres, ou mais dias, e emquanto sopra não cahe orvalho ou cacimba; é muito mais frio que outro qualquer, do que os naturaes se queixam, e duplicam o vestuario. Não ha muito que o experimentámos; e com elle achei-me languido, com a pelle muito secca, sem transpirar com facilidade como d'antes, com os beiços gretados como se estivesse no meado de Janeiro em Inglaterra, e mal podendo abrir os olhos, parecendo-me que tinha algum corpo estranho dentro delles. Dizem-me que o *harmattan* faz ás vezes estalar os copos na meza. Não obstante baixar o thermometro, e haver menos calor, senti uma grande comichão pelo corpo; porem com todos estes effeitos não creio que seja nocivo este vento; ao contrario, melhorando de uma ligeira febre perguntei a rasão disto ao medico, que me respondeu: «sopra o vento *harmattan*.»

O curativo das febres intermittentes, que assolam Serra-leôa, consiste em promover copiosa transpiração, em tomar muitos purgantes e refrescos, sendo um destes o extracto de potassa com gúmo de limão e agua d'arroz cosido. Todavia os que escapam destas molestias endemicas, sempre ficam achacados do baço ou do figado.

Creemos que com esta breve noticia ficarão os leitores informados do clima da hoje tão fallada Serra-leôa, por ser o local para onde são levados os navios apreçados no trafico da escravatura. Comtudo não deixaremos o livro do Sr. Figanière, aliás abundante em noticias curiosas sobre os timonis, bulames e outros povos daquelles districtos, sem appresentar duas passagens sobre o vinho de palma e a arvore kola, que nos parecem dignas de menção (\*).

— Da palmeira tiram os habitantes não só azeite

(\*) Dizemos dignas de menção, porque as particularidades que respeitam ás producções e industria de qualquer paiz são a parte mais deleitosa das viagens, por serem outros tantos termos de comparação para os nossos usos e para avaliarmos os generos de que habitualmente nos servimos. E' por certo muito louvavel a curiosidade do Sr. Figanière, que, não sendo naturalista por estudo ou profissão, se não esqueceu de mencionar as raridades naturaes do paiz que visitou.

de que tambem fabricam sabão, mas até vinho. Como esta arvore é ás vezes da altura de 50 a 60 pés, tendo os ramos somente muito no cimo, o negro, que quer extrahir o vinho, vai já preparado com um arco feito de bambú, aberto de um lado para o pôr á roda da palmeira, mette as costas d'encontro ao arco, e os pés contra a arvore, e para subir levanta o arco um ou dois pés, trepando por esta fórma até o cimo; assim que alli chega senta-se e começa o trabalho fazendo com uma verruma um furo aonde mette uma folha enrolada na fórma de tubo, uma ponta da qual entra na arvore e a outra n'uma cabaça, que leva de uma a duas canadas. Geralmente faz-se esta operação de noite, porque então corre melhor o licôr; e póde repetir-se quotidianamente, por espaço de 23 dias, sem prejudicar a arvore; se exceder a mez esta extracção secca de ordinario a palmeira. Quando vão de manhaõ buscar o liquido tapam o furo com lodo. Este vinho, em quanto recente, é doce e agradável ao paladar; deixando-o fermentar embriaga em summo grau. —

— A *kola* é um fructo, de que os negros fazem grande uso, e nasce n'uma arvore magestosa, de que ha muitas pela costa ainda mais para o norte de Serra-leôa; cresce encerrado n'uma silica, ou vagem como de faveira, porem muito maior, porque contem seis e ás vezes mais *kolas*, cada uma do tamanho de castanhas. Ha vermelhas e brancas; tem gosto amargo, e virtudes estomachaes e adstringentes. Mascam os negros estes fructos, como os nossos marujos o tabaco; porque, como este, produz salivação; e tanto os estimam que 40 ou 50 *kolas* é no sertão o preço d'uma escrava. Em a nossa colonia de Bissau não só usam da *kola* como tinta amarella, porem com ella negoceiam, mandando-a pelo Rio-grande acima para os locaes onde falta; sendo por este modo um genero empregado no trafico commercial com as povoações sertanejas. Quando a estas chega qualquer hospede é costume appresentar-lhe logo a *kola* em signal de boa-vinda: dois destes fructos brancos indicam paz e harmonia, dois encarnados designam o contrario. —

Um dos nossos antigos escriptores faz menção da *kola*, que já em seu tempo era objecto de trafico, como se colhe da seguinte passagem: «*castanha*, a que chamam *cola*, de que se leva para todo Guiné e nasce em ouriços sem espinhos.» *Sev. de Faria. Not. de P. Disc.<sup>o</sup> 6.<sup>o</sup> §. 5.<sup>o</sup>*

#### ORIGEM DAS PALAVRAS WHIG E TORY.

HA dois seculos que os partidos politicos em Inglaterra são conhecidos dentro e fóra daquelle paiz pelas denominações de *whigs* e *torys*. Estas denominações, que ao principio eram tidas como insultuosas pelos dois bandos a que se referiam, foram depois por elles adoptadas com tal indifferença que são ainda hoje os termos com que mutua e livremente se designam. Diremos pois duas palavras sobre a sua origem e valor.

A palavra *tory* em dialecto irlandez significa *ladrão* que vive do saque e do roubo. Foi applicada aos bandos de foragidos que infestavam o paiz, empregando-se durante a guerra exterminadora da Irlanda em 1641 em despojar e assassinar os viandantes inermes e indefensos. Aquelles malfeitosos usavam, segundo lêmos em Noel, ao investirem a sua victima, das palavras *torie me*, que tanto valia como dizer: *dá-me a tua bolça*, formando-se destas expressões, com o andar dos tempos, a palavra *tory*, *ladrão*.

Aos catholicos d'Irlanda, que no reinado de Carlos 1.<sup>o</sup> ganharam ascendencia sobre os protestantes, foi tambem applicado aquelle termo; e alguns annos depois aos sectarios da auctoridade real, accusados pelos seus adversarios de favorecerem a rebellião na Irlanda.

O odioso da palavra tory diminuiu consideravelmente com a expulsão de Jacques 2.<sup>o</sup>: — os que se declararam sustentadores das instituições do estado adoptaram aquelle nome.

A palavra *whig* é escoceza; e tendo-se-lhe dado tão variadas interpretações, é difficil fixar o sentido em que foi applicada a um bando ou partido politico. Emquanto o duque de York, irmão de Carlos 2.<sup>o</sup>, esteve refugiado na Escocia, contendiam neste paiz duas parcialidades inimigas, das quaes uma seguia as bandeiras do rei, e outra as do duque. Os partidarios deste, que eram os mais fortes, perseguiram os seus adversarios obrigando-os a retirar-se ás montanhas, e a esconderem-se nos bosques, aonde o leite lhes servia de unico alimento; e dando isto logar a que por mofa aquelles os denominassem *whigs* ou *bebedores de leite*, estes por uma justa vindicta alcunharam *torys* ou *ladrões* os seus perseguidores. A serem exactas semelhantes conjecturas não ha duvida alguma que ambas as denominações as trouxe da Escocia o duque d'York. Walter Scott julga, porem, que a palavra *whig* é contracção de *whig a more*, interjeição de que se servem os camponeses d'oeste da Escocia para fazerem andar as bestas. A primeira vez que souo a palavra *whig* foi applicada aos presbyterianos daquelle paiz, quando em 1641, achando-se Carlos 2.<sup>o</sup> já prisioneiro das tropas do parlamento, elles empunharam as armas, e atacando os realistas se investiram no supremo mando. O partido do rei appellidou assim os presbyterianos escocezes por ser este partido composto, na maior parte, d'aldeões e carreiros que contavam no seu bando pouca gente de consideração.

Ambas as denominações e bandos de que temos fallado existem ainda hoje em Inglaterra, modificados pela civilisação e tolerancia, feições caracteristicas do presente seculo. Os ministros alli, ora são tirados do partido whig, ora do tory; comtudo qualquer que seja a *côr* a que pertençam — Castlereagh, ou Canning — Peel, ou Melbourne, jámais se esquecem da gloria e interesses da sua patria.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Elementos de Direito das Gentes, &c.* — Coimbra, na Imprensa da Universidade. — 1839 — 1 vol. em 12.<sup>o</sup>

POUCAS são modernamente em Portugal as publicações originaes; — pouquissimas as que, destinadas para compendios, vem a ser o maduro fructo de profundissimo saber, appresentado com pura consciencia, e deducção rigorosa e concisa, em estylo didactico legitimamente portuguez na frase. Entre as excepções desta raridade contamos no anno passado o opusculo nomeado no titulo deste artigo, que o seu douto auctor, o Sr. Vicente Ferrer Neto Paiva, dedicou a elrei D. Fernando 2.<sup>o</sup>, tomando elegantemente por epigrafe o verso que o poeta nacional dirigia a outro rei:

«Dai vós favor ao novo atrevimento.»

Ninguém julgue os *Elementos* um compendio só appropriado aos estudantes da Universidade; embora o Sr. Ferrer, que lhe fez este brinde, declare ser a obra composta para uso dos seus discipulos. Bem

pelo contrario, temos que hoje os principios geraes de justiça e benefico interesse, em que se fundam os deveres, maximas e dependencias, que cumprem reciprocamente mantidos pelas nações civilizadas, devem formar, juntamente com as primeiras linhas de direito natural, uma das bases da boa educação, e portanto a sua utilidade deve diffundir-se aquem dos bancos universitarios. E quanto aos leitores, que mais desejarem profundar a materia, na mesma obrinha encontrarão memorados os mais abalissados publicistas, que o joven A. consultou, e cujos dictames seguiu. Peza-nos encerrar este artigo sem que nos seja possivel dar mais extensa noticia desta publicação, e até alguma prova. Verdade seja que a melhor prova está no texto do mesmo livro, cuja leitura muito recommendamos.

\* \* V.

#### UTILIDADE DO USO DO SAL NA AGRICULTURA.

UM proprietario da America do Norte publicou em Inglaterra, onde viera para negocios seus, algumas observações praticas sobre o uso do sal na agricultura, e são em resumo as seguintes: — «Geralmente fallando não se conhece em Inglaterra a utilidade do uso do sal para engordar os animaes: nós na America consideramos o sal como indispensavel para este fim, e o damos a todos os animaes sem excepção: todavia parece ser de mais proveito aos animaes de pé rachado: os cavallos gostam muito d'elle, e temos observado que os cavallos bravios vem mais depressa atraz da pessoa que lhe mostra um punhado de sal, do que atraz da que lhe offerece cevada; o nosso gado é muito mais são do que o inglez, e estou persuadido que é isto o bom resultado do sal: usamos tambem d'elle na America no tempo dos fenos, com que o misturamos nas medas, e a este proposito narrarei o seguinte facto acontecido comigo. — «Pouco antes de partir da America tive uma colheita de feno muito ruim por causa das chuvas, e tão ruim era que em breve começou a apodrecer: eis-aqui pois como tratei deste feno avariado; comecei fazendo uma camada de seis pollegadas de grossura, salpiquei-a muito bem com sal: por cima desta lancei outra igual, e fiz o mesmo; e assim fiz a todas até se acabar o feno: deixei-o assim alguns dias, e depois comecei a da-lo aos animaes: estes o comiam com grande vontade, e tal que chegavam a recusar o feno sem sal que lhe punha diante, e preferiam o salgado.»

X. d'A.

#### INSCRIPÇÃO SINGULAR NA CIDADE DE AGRA.

A SEGUINTE inscrição em letras maiusculas se lê sobre a entrada da porta principal da cidade de Agra, no Indostão.

«No primeiro anno do reinado do imperador Juliet dois mil casamentos foram annullados pelos magistrados por mutuo consentimento dos conjuges: o imperador soube isto, e ficou indignado: e ordenou por lei que o divorcio ficasse abolido nos seus estados. O resultado desta lei foi o seguinte: no decurso do anno que se seguiu á publicação della o numero dos casamentos teve de diminuição tres mil: o numero dos adulterios foi de sete mil: tresentas mulheres foram queimadas vivas por terem envenenado os maridos, e setenta e cinco maridos o foram por terem assassinado suas mulheres: a quantidade de moveis quebrados e despedaçados no interior das casas representava o valor de tres milhões de rupias. Sabidas estas particularidades pelo imperador mandou a toda a pressa restabelecer a lei que permittia o divorcio.»

X. d'A.